

O Calvario — Esboço de Sequeira

A crença religiosa parece amortecida um pouco. Quando digo isto, não lamento a quéda dos velhos preconceitos nem das exterioridades hypocritas; volvo apenas o olhar com saudade para essas manhãs da vida, em que o espirito, voando para o azul do ceo, não se sentia fustigado pelas lufadas da desconfiança. Hoje sentâmo-nos quasi todos, á similhança dos peregrinos extenuados, e alongâmos o olhar pelos horisontes fóra, em busca de uma estrella que nos allumie. D'onde viemos? para onde caminhâmos? Em frente da cruz levantou o seculo uma interrogação medonha. A sciencia, fria e implacavel, derruba os altares sobre que a humanidade depunha as suas offrendas, e escava o sobpé de todos os templos. Os animos congelados estremecem. A dúvida é um frio de morte. Que é das orações aprendidas no berço? para onde fugiu o anjo da guarda? As mães escondem no seio o pallido crucifixo, temendo que os filhos tenham para elle um riso de escarneo. E, comtudo, perguntae a essa cruz de marfim, amarellecida pelo tempo, de quantas lagrimas não tem ella sido confidente, para quantas desesperanças não tem servido de alento, a quantas feridas não tem acudido como balsamo. Á proporção que o sentimento religioso se desvanece, caem com elle as mais doces, as mais generosas aspirações. O amor sublime, que ahi tinha o seu foco perpetuo, materialisa-se e rebaixa-se; a caridade larga o seu manto alvissimo de virtude, e farda-se e arregimenta-se em qualquer livro economico; a poesia dependura a cythara, como os hebreus captivos, e, debruçada para as aguas que vão por esta Babylonia moderna, lembra-se com tristeza dos seus dias de extase e de grato arrobamento.

Não o dissimulemos: a indifferença que começou matando-nos o sentimento religioso, lavra-nos rapidamente na alma. De um desapêgo nasce outro desapêgo. Quando prostrâmos um credo, erguemos logo o machado sobre outro.

Ha bem pouco ainda que um dos maiores homens de agora exclamava: «Para quem havemos de estender as mãos? Para Deus? — A razão pergunta: — E onde está Deus? No ceo? — E a sciencia responde: — Ceo não existe! — Bemaventurados os que poderam gozar ainda os dias cheios de crença; mas pobres dos que, vendo um amigo envolto no sudario, só lhe podem dizer com o coração lacerado: — Adeus!»

E estas palavras, saídas de uma boca facunda, resoavam junto á sepultura do poeta mais crente, mais ethereo, mais casto, mais nobre, que as gerações modernas tem podido admirar. Que diria elle, se aos ouvidos do corpo lhe chegassem essas phrases de desconsolação profunda? Quando a sua alma, immortal como o seu nome, se reunia á mãe creadora, á alma infinita, ao Ser que povôa toda a natureza, desde o grão de areia até a immensidade dos astros, atiravam sobre essa terra humida, onde jámais crescerá relva de esquecimento, um protesto blasphemo, que a multidão veria ao cabo germinar no peito como semente venenosa.

Interrompamos, porém, estas considerações, que nos foram suggeridas pelo assumpto de que nos cumpre tratar, e digamos algumas palavras a respeito do presente esboço e do seu egregio compositor.

No n.º 12, tomo II, setembro 1858, e no n.º 3, tomo XI, 1868, d'este mesmo *Archivo*, já se disse o muito que valia Domingos Antonio de Sequeira, ap-

pellidado pelos mestres italianos *o Rembrandt do claro*, e pintor de tão altos espiritos, que não sabemos qual lhe leve a palma no grandioso e arrojado das composições. O esboço que hoje damos em gravura é o germen d'onde brotou um dos seus principaes quadros — o Calvario.

A idéa foi colhida n'aquella parte do evangelho em que se diz:

«E tomando Joseph o corpo, embrulhou-o em um lençol fino.

«E pôl-o em um sepulchro novo, que tinha lavrado em uma penha, e revolveu uma grande pedra á porta do sepulchro.

«E Maria Magdalena e a outra Maria olharam aonde o punham.»

D'esta succinta descripção tirou Sequeira motivo para o seu portentoso quadro. Como o seu genio tendia naturalmente para o immenso, engrandeceu o thema, ou, para melhor dizer, ampliou-o, congregando n'aquelle monte augusto uma multidão numerosa. O talento inventivo de Sequeira resalta d'estes bosquejos inimitaveis. Os grupos dispõem-se sem esforço, e cada um d'elles exprime um sentimento diverso. Ha a unidade na variedade. De todos estes membros constitue-se o gigante. A primeira figura que o espectador vê, com certeza, é a do Christo, sobre cujo lençol bate um feixe intenso de luz; quando levanta os olhos vê Maria, ao fundo, extatica, immovel, petrificada, Niobe santa, cujo filho alli está morto porque teve a loucura da cruz, na phrase do apostolo, e porque quiz e sabia que onde chegasse o seu espirito chegaria tambem a liberdade.

É depois da contemplação d'estas figuras que podêmos circumfluir a turba de rabbinos, de soldados e de mulheres do povo, que se grupam em circunstancias distinctas. N'uns desenha-se o terror, n'outros um assomo de commiseração; n'estes a indifferença, n'aquelles o primeiro gesto de piedade, que ha de, em fim, terminar pelo dobrar dos joelhos e pelo ferir a terra com o peito, no cumulo do arrependimento.

Sobre esta scena magestosa pairam como que as sombras da tristeza. Vendo-a, occorrem-nos estes versos de um poeta sinceramente catholico:

Point de bruit alentour; — mais le désert sans borne,
Le désert vdcillait semblable au vieux Sina.
Point de bruit alentour; — le silence était morne
Quand la neuvième heure sonna...

É este o Calvario, a montanha sobre que se consummou o maior facto de que os homens tem dado testimunho. Do cimo d'aquella cruz, erguida como patibulo, é que saíram as tres palavras de vida que os povos bordaram no seu labaro de progresso. As ondas do mundo velho escumaram debalde, represadas por aquelle dique formidavel; e para áquem d'elle foram deslisando as aguas, que seriam aguas de baptismo para todos os homens, e enchente onde elles iriam buscar o amor da familia, a emancipação dos escravos, a sublimação da mulher, a egualdade das raças, o espiritualismo da arte, o desanuviar das trevas.

Quanto aos meritos do homem que tão elevadamente traduziu na téla este acontecimento solemne, remettemos os leitores para os numeros do *Archivo* já citados, onde, tanto na biographia como na apreciação das obras, se encontra em resumo a alta significação das suas qualidades.

Tratando de outro esboço — a Ascensão, disse eu n'este mesmo logar: «Sequeira valia bem o ser conhecido. É preciso que o povo saiba uma vez por todas, que acima d'esses heroes da espada, com cujos nomes elle tanto se ufana, ha tambem na sua historia outros heroes, que em vez de sangue derramam luz, e que em vez de destruir edificam.»

Estes desejos, felizmente, vejo-os satisfeitos em parte. O *Archivo Pittoresco*, apresentando estes transumptos venerandos, diffunde o conhecimento de um grande homem.

O povo, que não póde observar a téla, comprehende-a pela gravura. D'esta vulgarisação resulta uma consequencia benefica. Quanto mais sabemos que ha glorias da patria, tanto mais nos affeiçoâmos a esta. O amor á mãe cresce com a admiração pelos filhos. Nós, que tanto blasonâmos dos conquistadores, não devemos esquecer os artistas. Quando, com a mão no peito, dizemos — Camões — como a Italia diz — Ariosto — devemos accrescentar — Sequeira — como ella diz — Buonarotti! —

E. A. Vidal.

A HOSPITALIDADE

Que é a hospitalidade, de que tanto se falla e que tão pouco se exercita?

É um direito e um dever. Um direito, porque um homem, ainda que não seja conhecido, pede a outro homem, que não conhece, um logar na sua casa, junto do seu lar ou á sua mesa; um dever, porque não só taes vantagens, que são devidas aos filhos-familias, não se recusam ao estranho que as pede, mas tambem em observancia d'este preceito é que lhe são offerecidas.

A hospitalidade é a mais santa das praticas.

Não será extraordinario que tenha a sua origem nas primeiras edades do mundo, que a encontremos em vigor entre os povos primitivos, entre as gentes barbaras, em que fórma alliança com a rapina, e entre os selvagens, cuja ferocidade modera? Não será tambem singular que o exercicio das virtudes hospitaleiras, em vez de fortalecer com a civilisação, pareça antes caminhar em ordem inversa, e que um povo seja tanto menos hospitaleiro quanto mais culto?

Expliquemos isto facilmente. O exercicio da hospitalidade baseia-se em reciprocas necessidades. Nas epochas e nas regiões em que as distancias entre os centros populosos eram grandes, e em que as habitações estavam dispersas nos campos, cada qual tinha interesse em dar ao viageiro asylo e soccorros de que na primeira occasião podia carecer.

Quando a população foi augmentando, e quando os campos arroteados se foram enchendo de habitações, a necessidade de pedir e conceder asylo foi-se tornando menos sensivel. Logo que os povoados se avisinharam, o viajante reconheceu que era mais conveniente regressar ao proprio lar que pedir abrigo á casa do estranho. A frequencia das viagens deu, pois, origem ás hospedarias. O cultivador, que podia exportar o superfluo do seu consumo, tornou-se economico, e, reservando o superfluo para o transformar em materia de commercio, juntou-lhe tambem a parte outr'ora reservada para a hospitalidade.

É certo que modernamente se observam menos os preceitos da hospitalidade do que nos tempos antigos; e é hoje mais facil encontrar asylo em casa do arabe ou do laponio, do que no lar de um povo civilisado.

Se fordes invocar os direitos da hospitalidade á porta de um monseor de tal ou de um lord, vereis que os criados vol-a fecham no rosto com zombaria; mas se ainda hoje fordes á entrada da barraca do arabe ou da choupana do laponio, nem uma nem outra encontrareis fechada para o estranho.

A hospitalidade reinava entre os povos pastores.

Os hospedes, nos tempos antigos, gozavam não só os direitos dos filhos-familias, mas ainda eram mais sagrados que elles, de certo, pela confiança que se devia reciprocamente inspirar e manter.

A hospitalidade, que dá ao estranho os direitos de membro da familia, impõe áquelle com quem se exerce os deveres de membro da familia. Se a um não é licito faltar aos deveres, ao outro cumpre respeitar sempre os direitos. Vae n'isso o respeito da familia e da sociedade.

A SEMANA SANTA EM CASTELLO DE VIDE

E NOTICIA D'ESTA VILLA

Desde antigos tempos é afamada em Castello de Vide a procissão de domingo de Ramos, que attrahe grande concurrencia das visinhas povoações, e até de Hespanha. No anno de 1868, a que nos referimos, apesar das más circunstancias geraes, pela escassez das colheitas, ainda concorreram cêrca de dois mil forasteiros.

A procissão, na verdade, é digna de ser vista, ainda que já decaída do seu antigo esplendor. Ás 4 horas da tarde do dia 5 de abril saíu do vasto templo da matriz, composta de todas as irmandades e de todo o clero da povoação.

Conduziam os emblemas do martyrio do Senhor umas trinta crianças, a que chamam penitentes, e que levam o corpo e a cabeça envolvidos em brancas toalhas arrendadas, de um modo gracioso e original.

Atraz do pallio ia o andor da Mãe de Deus e de S. João Evangelista. Seguiam as cegas e os cegos do asylo que ha n'esta villa, com seu vestuario uniforme e suas medalhas, guiados á direita e á esquerda respectivamente pelo sr. José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro, administrador do mesmo asylo, e por quem estas linhas escreve.

Commovia observar a solicitude do povo em dar passagem e tomar pela mão os ceguinhos, para que não tropeçassem nas escabrosas ruas por onde caminhavam.

A bella philarmonica castello-vidense fechava o prestito, que percorreu as sete estações ou paços, cujos altares estavam ornados de luzes e flores abundantes. Os paços estão espalhados pela villa, e por algumas ruas das mais tortuosas e difficeis de transitar.

Quando a procissão entrou na parte baixa e plana da povoação, nas chamadas carreiras de cima e de baixo, desenvolveu-se magestosamente, alargando as longas alas de irmãos, que seriam cêrca de quatrocentos, com suas capas e tochas, caminhando ao centro enfileirados os jovens e candidos penitentes.

Era ao cair da tarde, formosa e serena como as mais encantadoras da primavera. Á direita, o sol ia quasi a esconder-se atraz dos altos e recortados rochedos que jazem ao occidente da povoação; á esquerda, a lua plena assomava das eminencias de uma collina chamada o Calvario, por haver n'ella uma capella d'esta denominação. Os dois astros, lá na abobada celeste, pareciam deleitar-se contemplando as homenagens que os christãos tributavam na terra ao Salvador.

A procissão caminhando mui lenta e pausadamente; os levitas entoando a espaços, com voz sumida, os melancolicos e sagrados canticos; a musica com seus plangentes sons; a reverencia e a uncção de todos os confrades; o respeito religioso e sincero do povo, agglomerado e ajoelhado por todo o transito; tudo, tudo dava a esta scena um caracter sublime de gravidade, de veneração e de indescriptivel poesia!

Ao anoitecer subia o prestito a ingreme encosta que conduz á capella do Calvario, situada n'uma elevação pittoresca, sobranceira ao edificio do asylo dos cegos. Alli o prégador subiu ao pulpito, erigido em pleno ar, ao lado de um grande altar com a santa imagem de Jesus Christo crucificado. Foi orador o reverendo parocho da sé de Portalegre, Manuel José Alves. Commoveu profundamente o immenso auditorio que o escutava, occupando a encosta da collina. A este tempo já a meiga claridade da lua dominava completamente, e dava ao religioso espectaculo a melancolia suave e terna, tão propria do preexcelso facto que se memorava.

Terminado o sermão, regressou a procissão ao templo d'onde saíra. A serenidade da noite permittiu que todas as luzes se conservassem accesas; e era bello ver os dois extensos renques que ellas formavam, ondulando compassadamente, realçando ainda mais a scena já descripta.

As outras solemnidades d'esta semana, celebrando os altos mysterios do christianismo, fizeram-se com muita decencia na egreja matriz e na do Espirito Santo. Todo o clero de Castello de Vide concorreu a ellas gratuitamente, como é de antigo costume, o que muito honra a classe ecclesiastica d'esta nobre villa, que ainda se compõe de uns vinte sacerdotes.

Na quarta-feira de manhã, alguns irmãos da ordem terceira de S. Francisco reuniram-se na sua capella, levando comida feita, e alli receberam outras porções enviadas por varios habitantes. Saíram ás 11 horas, precedidos de uma cruz, e acompanhados pelo reverendo padre commissario da ordem, levando dois a dois em alcofas os grandes alguidares e panellas com a comida, que em certos sitios foram distribuindo ás pessoas que a pediam.

Forneceram este jantar as esmolas solicitadas dias antes, e dadas na maior parte em generos, que foram distribuidos por casas particulares, para os adubarem e cozinharem. Algumas familias deram na mesma occasião, e de todo á sua custa, jantares já promptos. É um velho e exemplar costume entre o bom povo de Castello de Vide.

Distribuidos os jantares ás pessoas necessitadas e aos presos, o resto foi repartido, á porta do asylo dos cegos, por muitas crianças e pobres avulsos.

Na quinta-feira santa houve exposição do Santissimo Sacramento nas tres freguezias, e nas egrejas do Espirito Santo e Misericordia. No hospital d'esta, ao meio-dia, distribuiu-se aos doentes um mimoso jantar, servido pelos irmãos da Misericordia.

Na sexta-feira á noite houve procissão do enterro do Senhor, que saíu da egreja da Misericordia, visitou os paços, a egreja do Espirito Santo, e regressou já tarde á da matriz. Tambem ia muito bem ordenada e respeitavel.

Na capella do Coração de Jesus esteve o Sacramento exposto desde a manhã da sexta-feira até á do sabbado. É um singular uso e privilegio pontificio concedido á confraria d'esta capella. Chamam-lhe a exposição do Morto.

No sabbado e domingo houve as respectivas festas na egreja matriz, d'onde saíu a procissão do triumpho, que deu volta pelas duas Carreiras.

Todas as procissões foram acompanhadas pela excellente banda militar da sociedade philarmonica. Além d'esta, ha na villa uma *sociedade dos amigos do estudo*, que tambem dá algumas representações no theatro, que, situado n'um casarão do antigo recinto do castello, é mau e bem improprio da importancia da povoação, que conta 3 freguezias e 5:280 habitantes, segundo o recenseamento do 1.º de janeiro de 1864.

É Castello de Vide patria do celebrado reformador José Xavier Mousinho da Silveira, que alli nasceu em 12 de julho de 1780, e ainda hoje lá residem duas respeitaveis senhoras irmãs d'aquelle singular estadista.

O povo d'esta antiga villa conserva ainda em grande parte seus antigos e singelos costumes. É obediente, respeitador do que o deve ser, religioso e caritativo. As sáias e mantilhas pretas nas mulheres, e nos homens os capotes de burel e chapeos de grandes abas, são ainda os trajos predominantes.

A população é quasi exclusivamente agricola e muito laboriosa. Tudo está cultivado e aproveitado nas terras d'aquelle concelho, que é rico, e todo mui pittoresco e arborisado de bellos castanheiros, vastos soutos ou castinçaes para varedo, oliveiras, carvalhos, sobreiras, e de toda a qualidade de arvores de fruta, tendo algumas magnificas e collossaes. Nas immediações da proxima villa de Marvão, e perto da egreja do Salvador, ha uma videira que tem $1^{m},45$ de circumferencia. As aguas são abundantes e excellentes.

Rebentam das rochas de granito, e das serras e collinas que em quasi todo o districto de Portalegre tanto embellezam as lindas paizagens que apresenta, e que rivalisam ou excedem as da celebrada Cintra ou decantado Minho. A vasta propriedade do sr. Lecoq, junto a Castello de Vide, e denominada o Prado, é já bem conhecida pela sua belleza, apurada cultura e muitas arvores exoticas que contém.

As communicações para Castello de Vide são hoje rapidas e commodas. Uma boa estrada macadamisada, de 40 kilometros, a liga com a estação do caminho de ferro de Portalegre, atravessando a meia distancia esta cidade, tambem importante e mui pittoresca.

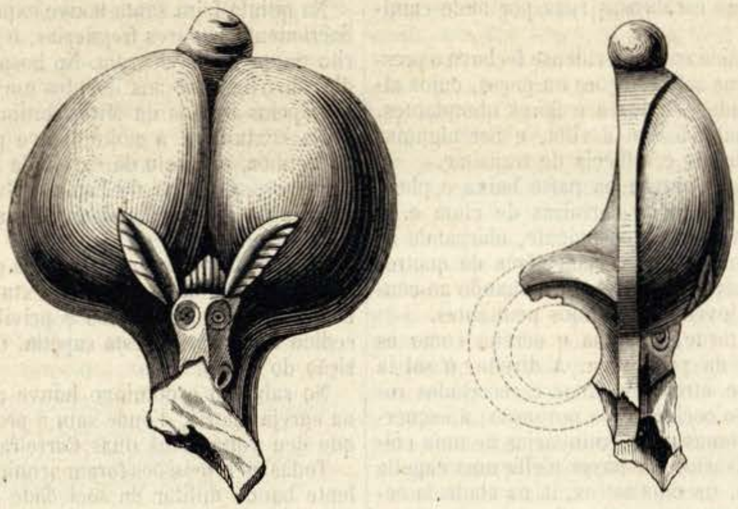
Esta villa tambem possue importantes estabelecimentos de beneficencia. O principal é hoje o asylo de Nossa Senhora da Esperança, ou dos cegos, expressamente destinado para recolher esta classe de infelizes. A paginas 317, 327 e 343 d'este volume póde ler-se a circunstanciada noticia e historia d'esta excellente instituição. O hospital da Misericordia possue o capital de 60:000$000 réis, e tem, bem como varias confrarias e irmandades, encargos de dotes para casamentos, e de outros actos de beneficencia que muito auxiliam as classes desvalidas. Ha tambem um pequeno recolhimento para velhas decrepitas e pobres.

Projecta-se estabelecer um banco agricola e industrial, á similhança do de Vizeu, com todos os bens dos estabelecimentos pios dos dois concelhos limitrophes de Castello de Vide e Marvão, que tem de ser desamortisados. Tomou n'isto a iniciativa o sr. Sequeira Sameiro, de quem acima fallámos. Estão já de accôrdo as direcções e mesas das differentes corporações interessadas, e, pelos dados que forneceram, sobem a cêrca de 300:000$000 réis os capitaes que possuem, com que se póde estabelecer o dito banco, que tão util seria para os ditos concelhos e para todo o districto de Portalegre.

O chorado rei o sr. D. Pedro V visitou Castello de Vide na ultima digressão que fez no Alemtejo. Agradou-lhe tanto esta villa, pela sua pittoresca situação, magnificos arredores, patriotismo dos seus moradores, e pelo affecto, quasi adoração, que lhe manifestaram, que prometteu lá voltar na seguinte viagem pelas provincias, que já trazia em mente. Deus, porém, nos seus insondaveis designios, mudou-lhe em breve a intentada viagem em mais curta jornada para a mansão dos justos!

Castello de Vide, grato ao mallogrado rei, lá tem já a sua estatua de marmore, feita por subscripção publica, e trata-se de construir o pedestal onde deve ser erigida. Aos monumentos de caridade, que honram a villa, se juntará mais um nobre padrão á memoria do monarcha que tanto prezou e exerceu aquella virtude christã.

C. J. CALDEIRA.



Antiguidade do museu do bispo de Beja

O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 237)

V

O objecto que representa a gravura, visto de frente e de lado, appareceu em Beja, debaixo do alicerce da muralha romana, no qual se encontrou o baixo-relevo de que damos noticia a pag. 108 d'este semanario. Eis o que a respeito d'elle escreveu D. Fr. Manuel do Cenaculo na obra a que temos alludido, e que exta inédita na bibliotheca publica de Evora:

«De outra nação aqui (a Beja) vinda e existente para prova da sua summá antiguidade, quando a ella presidia com o nome de *Ges*, dá testimunho um achado nas casas do sargento-mór Francisco Manuel de Mello, que generosamente me fez d'elle mimo para este museu. Consiste em uma pequena memoria dedicada a Diana Mammêa grega-egypciaca, e contém entre duas têtas a cabeça mitrada de um cervo desarmado e só com as orelhas levantadas, como um d'aquelles que se vêem no cinto de Cybele de Kircher — *Œdipus*, tom. 1.°, pag. 190; com a differença de estarem os cervos d'esta estatua abaixo dos peitos da deusa, e a cabeça que aqui se achou, por estar destacada da estatua, contém em si mesma as têtas para signal da sua dedicação a esta mammosa Ceres. É de barro fino. Com elle se achou um pequeno pucaro levissimo de vidro refendido em barro tão subtil que apenas terá tres linhas de grosso. Não é transparente. Na verdade, parece compor-se de vidro pelo brilhante fixo e geral com variedade de colorido... Junto ao referido vaso appareceram alguns pedaços de talco espatoso, delicadissimo, que exposto á luz mostra diversas côres fugidias e prismaticas, e finalmente poderá entender-se haver sido phenicia a sua composição, da qual falla Plinio no fim do livro XXXVI da H. N. Quem observa estas pequenas laminas vidradas facilmente recordará as folhas cristallisadas de que escreve Winckelmann na carta quarta fallando das de Portici. O sitio d'este achado mostra sua antiguidade por ser debaixo do alicerce da muralha romana d'esta cidade, assentado em terra solta antes das regras de Vitruvio, que no livro 3.° manda fundar em massiço, assim como as torres que elle determina sejam redondas, e aqui são quadradas.»

Conservam-se ainda hoje na bibliotheca de Evora tanto o fragmento de barro como o vaso de vidro, que não é, com effeito, transparente, mas translucido e irisado.

A. FILIPPE SIMÕES.